

Caritas: a demonstração do amor cristão.

Nadia Maria Guariza -Unibrasil

De acordo com NOGUEIRA a língua dos primeiros cristãos é de tradução, porque o Novo Testamento passou por traduções que foram alterando o significado das palavras originais. É o caso da palavra caritas que no latim clássico veio a traduzir a palavra grega *agápe*. Contudo, há uma diferenciação entre o latim clássico e o bíblico, no bíblico a palavra caritas estaria associada à palavra *diligere* que seria o ato de amar como uma escolha e não como um ato natural (NOGUEIRA, 2008).

No Novo Testamento das 114 aparições de *agápe* 90 foram traduzidas por caritas e somente 24 por *dilecto* (amar, estimar). Neste sentido, a palavra grega *agápe* recebe um significado nitidamente determinado no Novo Testamento, tornado-se o signo distintivo dos cristãos, o conceito de caritas define o próprio Deus, reforçando o plano estritamente religioso e cristão, afastando-se do seu significado pagão (NOGUEIRA, 2008).

Entre os primeiros padres da Igreja era comum relacionar o amor a um sentido profano e pejorativo se opondo ao caritas. Agostinho discutiu com clareza a noção de amor e procurou demonstrar que não havia diferenciação entre amor, caritas e dilecto ou entre amare e diligere. Agostinho criou um sistema que unia a caridade cristã ao amor platônico, sendo assim, ele salva a palavra amor da heresia, concedendo a esta palavra à mesma importância que caritas. Amor passou a ser uma palavra apropriada para expressar uma noção religiosa e moral (NOGUEIRA, 2008).

No século XIX a palavra caritas foi ressaltada no contexto ultramontano contrapondo-se a luxúria e o egoísmo, Leão XIII lembra em sua encíclica *Caritatis* que o amor cristão deve estar presente na família, no clero e nas instituições. O pontífice recorda que na encíclica *Rerum Novarum* apontava a necessidade de sociedades de ajuda mútua motivadas pelo santo amor, para aliviar o sofrimento dos pobres e informar o povo corretamente. Para enfatizar a importância do amor cristão, Leão XIII exorta “... Todos os que contribuem a seus conselhos, sua autoridade, seu dinheiro, ou seus trabalhos para estes grupos, de que a salvação temporal e eterna - de muitos dependem,

certamente ganharam uma recompensa de religião e de seus compatriotas.” (CARITATIS, 2013).

Na encíclica *Mirae Caritatis*, Leão XIII, citando Santo Agostinho afirma que a caridade é um remédio para a luxúria. E mais adiante indica que um dos males que atingi a sociedade no século XIX é o individualismo, que diminuiu a caridade em direção a Deus e aos próximos. “... Os homens esqueceram que são filhos de Deus e irmãos em Cristo Jesus; Não se importam com nada, exceto seus próprios interesses individuais; os interesses e os direitos dos outros eles obscurecem, mas muitas vezes atacam e invadem. Daí freqüentes distúrbios e contendas entre classe e classe: arrogância, opressão, fraude por parte do mais poderoso: miséria, inveja e turbulência entre os pobres...” (MIRAE CARITATIS, 2013)

A igualdade entre a humanidade seria encontrada com o exercício da caridade e o sacramento da eucaristia personificaria a caridade de Cristo. A eucaristia simbolizaria a unidade de Cristo com a humanidade, e lembraria o ato de caridade Dele ao sacrificar-se para a salvação da humanidade. Sendo assim, todo cristão deveria praticar a caridade como expressão do amor cristão de sacrifício. (MIRAE CARITATIS, 2013)

A prática da caridade era associada com uma forma de conseguir o perdão dos pecados, isso é observável no manual da Associação e Oficinas Santa Rita criada na Espanha no início do século XX. No manual da associada estava uma carta do papa Leão XIII afirmando que as práticas caritativas em nome da associação poderiam converter-se em indulgências (ALONSO, 1958).

Ao analisar as narrativas das entrevistadas da Associação e oficinas Santa Rita é perceptível à preocupação das associadas com a caridade em comparação aos valores morais. Nestas narrativas o uso da fita com medalha estava estreitamente ligado com a idéia da concessão do Papa Leão XIII de indulgências, ou seja, de vantagens simbólicas e sagradas em relação à remissão dos pecados.

Para as associadas à caridade realizada se configurava como objeto de troca simbólica para conseguir a eliminação dos pecados e, conseqüentemente, a sua purificação. As entrevistadas fazem parte da primeira geração da associação em

Curitiba, que foi fundada por sua avó, anualmente a associação promove uma feira para angariar fundos com a finalidade de ajudar aos pobres, sobretudo montar um enxoval para recém nascidos pobres.

As entrevistadas criaram um mito de ineditismo da associação Santa Rita no ramo de caridade na cidade, o que não condiz com a realidade porque desde a primeira década do século XX a Arquiconfraria das Mães Cristãs realizava atividades semelhantes. De qualquer forma, a caridade aparece nas narrativas das entrevistadas como marco definidor da identidade do grupo.

O manual utilizado pelas associadas no período de 1958 a 1972 enfatizava a prescrição moral adotando o modelo de Santa Rita para as associadas, demonstrando que a conduta moral era mais importante que a caridade e que a atuação do padre diretor era enfatizar o aspecto moral. As narrativas das entrevistadas demonstram que os aspectos morais foram amenizados e, em contrapartida a caridade em todo momento é ressaltada. Esta inversão é perceptível nas atas da associação nas décadas de 1960 e 1970 que dedicavam maior tempo para a descrição das doações do que as palestras espirituais. Assim como os relatórios que enumeravam primeiro as doações e por último citavam apenas os temas das palestras.

Não obstante as entrevistadas ressaltarem a caridade como o princípio fundamental da associação, elas costumam repetir que nenhuma das associadas espera reconhecimento por esta prática. Pode-se pensar que este processo de negação de qualquer reconhecimento em relação à prática caritativa, na verdade apenas quer atribuir maior valor ao ato.

Numa sociedade na qual as relações não são mais duradouras e os padrões morais se tornaram mais flexíveis, e que por outro lado, demanda mais atividades filantrópicas devido ao crescimento no número de pessoas excluídas da sociedade, a caridade possui um valor maior do que a contenção sexual e o rigor moral.

Na economia dos bens simbólicos a caridade para associadas teria um capital cultural que lhes conferiria uma distinção em relação às demais pessoas. Embora elas

afirmarem que agem de maneira anônima, pode-se pensar que isso seria um processo de denegação (BOURDIEU, 2006).

A prática da caridade confere às associadas um grau de distinção em relação às “interesseiras” que querem aparecer nos jornais, o trabalho de caridade anônimo teria maior valor para elas. Para as entrevistadas, o que importa é a caridade e não necessariamente os preceitos da Igreja Católica, contudo se deve lembrar que esta concepção de caridade estava originalmente ligada à compreensão católica.

O bem da salvação da caridade também era um elemento de distinção dos membros do clero pela ótica das associadas. E quando indagada sobre porque as mulheres procuravam ingressar na associação Santa Rita, Edith afirmou ser mais pelo trabalho que esta associação realiza junto aos desfavorecidos do que a devoção à santa e à Igreja.

Parte-se do pressuposto de que a caridade se configura em um objeto simbólico que proporciona ao seu cedente prestígio, porque não se trata apenas de objetos materiais doados pelas mulheres, mas objetos que representam um pacto com Deus.

Por outro lado, além de conferir a possibilidade de redimir-se perante Deus, os objetos concedidos poderiam criar uma relação assimétrica entre o cedente e o que recebe, tornando este último devedor do primeiro, conferindo, assim, um prestígio ao cedente.

Portanto, a caridade quando realizada dentro do sistema do sagrado, ou seja, entendida como uma forma de redimir os pecados, não é mera doação, ou ato de dar. A doação adquire uma importância no campo do sagrado, conferindo ao cedente uma gratificação diante de Deus.

Ao mesmo tempo, é importante lembrar que a caridade há muito tempo era um território reconhecidamente feminino, porque as atividades do cuidado com o outro estavam muito associadas ao papel materno. Muitos estudos comprovam a pertinência do estudo sobre a ação feminina na caridade, demonstrando que o papel feminino na caridade estava associado à concepção da natureza feminina e da maternidade; que este atributo natural feminino poderia transpor os limites do lar para estender estes cuidados para a sociedade (GUARIZA, 2003).

Nesse sentido, o exercício da caridade cabia como uma luva às mulheres católicas, pois além de conseguirem redimir os seus pecados e se sentirem gratificadas

por isso, o atendimento às necessidades dos pobres se configurava como uma atividade eminentemente feminina.

Portanto, a “coincidência” entre o enunciado e a prática social pode ser eficiente para confirmar alguns discursos de dominação (BORDIEU, 1999). Em outras palavras, a prática da caridade aos pobres confirmaria a natureza de doação e de dedicação ao outro das mulheres, dando a impressão de que esta atribuição fosse natural a elas.

Em um grupo diferente de mulheres que participaram das Comunidades Eclesiais de Base, em Curitiba nas décadas de 1960 e 1970, apesar de serem mulheres de classe social distinta a das mulheres da Associação e Oficinas Santa Rita, se percebe que a caridade também tem papel de destaque para as entrevistadas. As atividades que eram consideradas caridade para estas mulheres poderia ser a visita a uma pessoa doente, levar a comunhão a esta pessoa, dedicar parte da semana em trabalhos na comunidade, como a catequese, o grupo de estudo bíblico, a panificadora comunitária.

A maior parte destas atividades é realizada por mulheres da comunidade, porque segundo Lourdes (2008) a mulheres podem doar o seu tempo, enquanto os homens não podem porque tinham que prover o sustento da família.

Em suas narrativas salta aos olhos a gratificação que sentem ao contarem sobre as suas atividades e como elas sempre se mantiveram ocupadas. As comunidades eclesiais de base se constituíam como espaço onde as relações entre clero e leigos se recompõem se reestruturavam. Essa mudança na atuação dos leigos na igreja por meio das comunidades permitiu, principalmente, às mulheres ampliarem o seu espaço de atuação.

Elas narram com satisfação à construção da casa da comunidade e do seu bairro. Ezilda conta de maneira edificante a lembrança de um dia que estava no quintal de sua casa e viu um rapaz colocando uma placa num terreno perto para a venda; logo ocorreu a ela que ali seria o lugar perfeito para construir a casa da comunidade. Por isso, ela correu para pedir que tirasse a placa, porque a comunidade iria ficar com o terreno. Lembra como foi difícil explicar para o rapaz o que era comunidade (HOFFMANN, 2008).

Ezilda recorda desse fato para mostrar como se sentia realizada tomando iniciativa em nome da comunidade e como ela fazia parte da história material do lugar (HOFFMANN, 2008).. Irene também se rememora da construção da casa da comunidade, que passou por muitas reformas; de pequena casa, comprada com uma rifa

de panela de pressão, que as celebrações tinham muitas vezes de ser realizadas no lado de fora, até comparando-a atualmente com uma pequena igreja (COSTA, 2008)

A construção da casa da comunidade demandou muito trabalho e muita dedicação, rifas, festas e a correria para conseguir brindes. Lourdes conta que pegou uma insolação pedindo brindes e foi parar no hospital (COSTA, 2008). Ana recorda que além de pedir brindes, ela mesma montava cestas para doar para as festas (OLIVEIRA, 2008).

Como diz Lourdes, as mulheres doavam o seu serviço para a comunidade. Ana reclama que a nova geração de mulheres não quer doar este serviço para a comunidade e para o bairro (COSTA, 2008). O doar aqui tem uma conotação diferente das mulheres da Associação Santa Rita, da relação entre mulheres ricas com os desfavorecidos. As mulheres das CEBs doavam para iguais o seu trabalho.

Para Lourdes, uma explicação para ter mais mulheres nas comunidades é porque elas sabem se doar, se bem que ela observa que algumas mulheres hoje não entendem o sentido da religião, não conseguem se doar para a comunidade. O trabalho dos homens é muito precioso para ser doado, ele deve garantir a manutenção material do grupo familiar. As mulheres quando trabalham é para ajudar o marido nesta manutenção, porém o trabalho feminino pode ser descartado, inclusive pode ser doado (COSTA, 2008).

É interessante observar que na concepção de muitas mulheres da comunidade está implícito que elas têm que se doar para a comunidade e para a família. O que é condizente com o papel atribuído à mulher constantemente pela Igreja e pela sociedade: ela deve estar atenta para atender as necessidades dos mais próximos.

Percebe-se na narrativa das entrevistadas a imagem do anjo que guarda o lar e atende com cuidados maternos todos os indivíduos que precisam. Essa imagem lembra outra empregada constantemente na literatura católica, a da mãe zelosa que sutilmente cuida do bem estar de todos. As mulheres católicas estavam acostumadas a serem estimuladas no sentido de estender os seus cuidados maternos para os desvalidos da sociedade, cuidar de crianças e doentes era condizente com o papel social atribuído às mulheres.

Lontina acredita que esse atendimento aos doentes enfermos lhe confere uma dádiva, pois nunca fica doente, Deus a recompensa com este seu serviço doado (LICHEWITZ, 2008). Ana doa dinheiro para entidades que atendem crianças, dinheiro

que consegue benzendo crianças de coisas que os médicos não curam como “susto, quebrante, bicha, aguada.” Ela não pede nada aos pais, porém eles dão dinheiro, por isso ela doa esse dinheiro. Como diz Ana: “... tem vez que a doação que eu dou é tudo que eu ganho e passo pros outro; (...) se eu dou com aquela boa vontade (...) Deus tá vendo que eu tô dando ...” (OLIVEIRA, 2008)

Neste ponto se nota a aproximação destas mulheres das CEBs com as da associação Santa Rita, porque elas concebem a doação como um contrato com Deus, ou seja, doar o seu serviço, a sua piedade, o seu dinheiro, entre outras coisas, é receber uma gratificação, uma dádiva de Deus (GUARIZA, 2009, p. 237-239)

Referências

ALONSO, Estevam. **Vida e Novena de Santa Rita de Cássia**. Curitiba: Sede de Associação e Oficinas de Caridade Santa Rita de Cássia, 1958.

ASSOCIAÇÃO e Oficinas de Caridade de Santa Rita de Cássia. [s.l: s.n], [1950?].

ASSOCIAÇÃO E OFICINAS DE CARIDADE SANTA RITA DE CÁSSIA. REUNIÃO DA DIRETORIA. Curitiba. **Atas das reuniões realizadas no período de 1958-1975**. Livro 1.

ASSOCIAÇÃO E OFICINAS DE CARIDADE SANTA RITA DE CÁSSIA. Histórico (1958-2000). Curitiba: Mimeo, 2000.

ASSOCIAÇÃO e Oficinas de Caridade Santa Rita de Cássia: Estatutos Sociais, [197?].

ASSOCIAÇÃO E OFICINAS DE CARIDADE SANTA RITA. Relatório Geral 1977. Curitiba: Mimeo, 1978.

ASSOCIAÇÃO E OFICINAS DE CARIDADE SANTA RITA. Relatório Geral 1977. Curitiba: Mimeo, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. 3 ed. Porto Alegre: Zouk, 2006.

COSTA, Lourdes Morais da. Participante das CEBs. **Entrevista concedida à Nadia Maria Guariza**, Curitiba, 18 dez. 2008.

COSTA, Irene Aparecida da. Participante das CEBs. **Entrevista concedida à Nadia Maria Guariza**, Curitiba, 18 dez. 2008.

GUARIZA, Nadia Maria. **As Guardiãs do lar**: a valorização materna no discurso ultramontano. Curitiba, 2003, p. 148. Dissertação (Mestrado em História), Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. UFPR.

GUARIZA, Nadia Maria. **Incorporação e (re)criação nas margens**: trajetórias femininas no catolicismo nas décadas de 1960 e 1970. Curitiba, 2009, p. 275. Tese (Doutorado em História), Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. UFPR..

HOFFMANN, Ezilda Maria Pauli. Participante das CEBs. **Entrevista concedida à Nadia Maria Guariza**, Curitiba, 16 dez. 2008.

LACERDA, Edith Alice de. Participante da Associação e Oficinas de Caridade Santa Rita. **Entrevista concedida à Nadia Maria Guariza**, Curitiba, 21 ago. 2008.

LEÃO XIII, Papa. **Caritatis**. 19 mar 1894. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_19031894_caritatis_en.html. Acesso em: 30/07/2013.

LEÃO XIII, Papa. **Mirae Caritatis**. . 28 mai. 1902. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_28051902_mirae-caritatis_en.html. Acesso em: 30/07/2013.

LICHEWITZ, Lontina. Participante das CEBs. **Entrevista concedida à Nadia Maria Guariza**, Curitiba, 16 dez. 2008.

MORO, Elinor Florença Alice. Participante da Associação e Oficinas de Caridade Santa Rita. **Entrevista concedida à Nadia Maria Guariza**, Curitiba, 18 ago. 2008.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. **Amor, caritas e dilectio**: elementos para uma hermenêutica do Amor no Pensamento de Nicolau de Cusa. Coimbra, 2008 Tese (doutorado em Filosofia), Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

OLIVEIRA, Ana Profetiza de. Participante das CEBs. **Entrevista concedida à Nadia Maria Guariza**, Curitiba, 11 dez. 2008.